

L. M. MONTGOMERY

ANNE

• DE •

GREEN GABLES



autêntica

TRADUÇÃO Márcia Soares Guimarães

O livro que
inspirou a série
da **NETFLIX**
"Anne With an E"

ANNE
• DE •
GREEN GABLES

● CLÁSICOS AUTÉNTICA ●



Outros títulos da coleção



25 contos de Machado de Assis

Nádia Mattella Gostin

Kim

Rudyard Kipling

Memórias de um burro

Condéau de Ségué

O castelo encantado

Edith Nesbit

O diário de Cian Burrasca

Vamba

Cuore

Edmondo de Amicis

O cão dos Baskerville

Arthur Conan Doyle

Viagens de Culliver

Jonathan Swift

A escrava Isaura

Bernardo Guimarães

A ilha do tesouro

Robert Louis Stevenson

A volta ao mundo em 80 dias

Júlio Verne

As aventuras de Tom Sawyer

Mark Twain

Clara dos Anjos

Lima Barreto

Alice no País das Maravilhas

Lewis Carroll

Alice através do espelho

Lewis Carroll

Peter Pan

J. M. Barrie

O Mágico de Oz

L. Frank Baum

Heidi, a menina dos Alpes (2 vol.)

Johanna Spyri

As mais belas histórias (2 vol.)

Andersen, Grimm, Perrault

Pollyanna

Eleanor H. Porter

Pollyanna moça

Eleanor H. Porter

L. M. MONTGOMERY

ANNE
• DE •
GREEN GABLES



Tradução: Márcia Soares Guimarães

autêntica

Copyright © 2019 Autêntica Editora

Título original: *Anne of Green Gables*

Fonte: The Annotated Anne of Green Gables. 1997, New York, Oxford, Oxford University Press. Edited by Wendy E. Barry, Margaret Anne Doody and Mary E. Doody Jones.

Fonte digital: www.gutenberg.org

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDIÇÃO GERAL E PREPARAÇÃO DE TEXTO

Sônia Junqueira

REVISÃO

Bruna Emanuele Fernandes

Júlia Sousa

CAPA

Diogo Droschi (sobre esculturas de papel de Marcelo Bicalho)

DIAGRAMAÇÃO

Guilherme Fagundes

ILUSTRAÇÕES DE PÁGINA INTEIRA

M.A. e W. A. J. Claus

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942.

Anne de Green Gables / Lucy Maud Montgomery ; ilustração M. A. e W. A. J. Claus ; tradução Márcia Soares Guimarães. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

Título original: Anne of Green Gables.

ISBN 978-85-513-0600-0

1. Literatura infantojuvenil I. M. A. II. Claus, W. A. III. Título. IV. Série.
19-27226 CDD-028.5

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br





- [Capítulo I – A senhora Rachel Lynde se surpreende](#)
- [Capítulo II – Matthew Cuthbert se surpreende](#)
- [Capítulo III – Marilla Cuthbert se surpreende](#)
- [Capítulo IV – Manhã em Green Gables](#)
- [Capítulo V – A história de Anne](#)
- [Capítulo VI – Marilla toma uma decisão](#)
- [Capítulo VII – Anne faz sua prece](#)
- [Capítulo VIII – Começa a educação de Anne](#)
- [Capítulo IX – A senhora Rachel Lynde fica horrorizada](#)
- [Capítulo X – Anne se desculpa](#)
- [Capítulo XI – Impressões de Anne sobre a escola dominical](#)
- [Capítulo XII – Uma promessa solene](#)
- [Capítulo XIII – As delícias da expectativa](#)
- [Capítulo XIV – A confissão de Anne](#)
- [Capítulo XV – Uma “tempestade em copo d’água” na escola](#)
- [Capítulo XVI – Diana é convidada para um chá com resultados trágicos](#)
- [Capítulo XVII – Um novo interesse na vida](#)
- [Capítulo XVIII – Anne presta socorro](#)
- [Capítulo XIX – Um concerto, uma catástrofe e uma confissão](#)

- [Capítulo XX – Uma boa invenção que acabou mal](#)
- [Capítulo XXI – Uma nova experiência em condimentos](#)
- [Capítulo XXII – Anne é convidada para um chá](#)
- [Capítulo XXIII – Anne fracassa em uma questão de honra](#)
- [Capítulo XXIV – A senhorita Stacy e seus alunos organizam um show](#)
- [Capítulo XXV – Matthew insiste em mangas bufantes](#)
- [Capítulo XXVI – O clube de histórias é criado](#)
- [Capítulo XXVII – Vaidade e aflição de espírito](#)
- [Capítulo XXVIII – Uma infeliz Donzela dos Lírios](#)
- [Capítulo XXIX – Um marco na vida de Anne](#)
- [Capítulo XXX – O curso preparatório para o exame da Queen's Academy](#)
- [Capítulo XXXI – Onde o riacho se junta ao rio](#)
- [Capítulo XXXII – A lista de aprovados é divulgada](#)
- [Capítulo XXXIII – O show no hotel](#)
- [Capítulo XXXIV – Uma aluna da Queen's Academy](#)
- [Capítulo XXXV – O inverno na Queen's](#)
- [Capítulo XXXVI – A glória e o sonho](#)
- [Capítulo XXXVII – O ceifador cujo nome é morte](#)
- [Capítulo XXXVIII – A curva na estrada](#)



CAPÍTULO I

*A senhora
Rachel Lynde se
surpreende*

A senhora Rachel Lynde morava exatamente no ponto em que a estrada principal de Avonlea descia rumo a um pequeno vale, rodeado por bétulas e brincos-de-princesa e atravessado por um riacho cuja nascente ficava lá atrás, em um bosque, na propriedade do velho senhor Cuthbert. Esse riacho era um curso de água veloz e intrincado em seu percurso pelo bosque, com cascatas e poços secretos e sombrios. Entretanto, quando se aproximava do vale da família Lynde, o riacho ficava tranquilo e bem-comportado, pois nem mesmo um mero curso de água poderia passar diante da porta da senhora Rachel Lynde sem o devido respeito ao decoro e à decência. E é bastante provável que o riacho estivesse ciente de que a senhora Rachel estaria sentada perto da janela, mantendo os olhos bem atentos a tudo e a todos que passassem por ali – fossem riachos, crianças ou qualquer outra coisa –, e que, caso ela percebesse algo estranho ou fora do lugar habitual, nunca descansaria enquanto não descobrisse tudo a respeito.

Havia muita gente no pequeno povoado de Avonlea – e fora dele – que gostava de bisbilhotar a vida dos vizinhos, mesmo que para isso fosse preciso negligenciar os próprios assuntos; mas a senhora Rachel era uma daquelas criaturas capazes de cuidar de seus afazeres e ainda tomar conta da vida das outras pessoas. Ela era uma excelente dona de casa; sempre cumpria suas obrigações, e fazia isso muito bem. “Administrava” o Grupo de Costura, ajudava na gerência da escola dominical e era quem dava o mais valioso suporte para a Sociedade de Ajuda Humanitária da Igreja e ao Instituto para Missões Estrangeiras.

No entanto, com todas essas ocupações, a senhora Rachel ainda tinha tempo mais do que suficiente para permanecer durante horas sentada perto da janela de sua cozinha, tricotando colchas (já tinha feito dezesseis delas, como as donas de casa de Avonlea costumavam contar, sempre com muita admiração) e mantendo os olhos sempre bem atentos à estrada principal, que atravessava o vale e subia sinuosamente a colina íngreme e avermelhada mais adiante. Como Avonlea ocupava uma pequena península triangular no golfo de Saint Lawrence, com água dos dois lados, qualquer pessoa que entrasse ou saísse do povoado teria de passar por aquela estrada e, portanto, submeter-se ao julgamento severo e invisível de olhos que tudo viam.

E era assim que a senhora Rachel se encontrava certa tarde, no início do mês de junho. Os raios quentes e brilhantes do sol entravam pela janela; o pomar, na encosta abaixo da casa, estava coberto de flores brancas e cor-de-rosa, sobre as quais voavam e zumbiam muitas abelhas. Thomas Lynde – um homem pequeno e dócil, a quem o povo de Avonlea se referia como “o marido de Rachel Lynde” – estava plantando, na encosta da colina, no terreno atrás do celeiro, suas últimas sementes de nabo. E era quase certo que Matthew Cuthbert também estivesse semeando as dele no grande campo vermelho ao lado do riacho, bem mais à frente, na propriedade chamada Green Gables. A senhora Rachel sabia disso porque tinha escutado, no fim da tarde do dia anterior – na loja de William J. Blair, em Carmody – Matthew dizer a Peter Morrisson que plantaria suas sementes de nabo naquele horário. Obviamente, Peter havia perguntado isso a ele, pois nunca se soube de nenhuma

ocasião em que Matthew Cuthbert tivesse oferecido, por sua própria iniciativa, alguma informação sobre qualquer coisa relativa a sua vida.

No entanto, contrariando a previsão da senhora Rachel, lá estava Matthew Cuthbert, às três e meia da tarde de um dia de trabalho, atravessando o vale e subindo tranquilamente a colina do outro lado. E, ainda mais surpreendentemente, usando uma camisa de colarinho branco e seu melhor terno, o que era uma prova incontestável de que ele sairia de Avonlea. Além disso, viajava em sua charrete puxada pela égua alazã, o que significava que percorreria uma distância considerável. Ora, aonde Matthew Cuthbert estava indo, e por que se dirigia para tal lugar?

Caso se tratasse de qualquer outro homem em Avonlea, a senhora Rachel teria hábil e rapidamente chegado a uma ótima dedução que responderia plenamente a essas duas perguntas. No entanto, era tão raro Matthew sair de Green Gables que, sem dúvida nenhuma, ele estava fazendo aquilo por alguma razão realmente importante e extraordinária. Ele era o homem mais tímido que já existiu no povoado e odiava ter de ficar entre estranhos ou ir a qualquer lugar em que precisasse conversar. Portanto, ver Matthew Cuthbert elegantemente vestido, trajando colarinho branco e guiando a charrete era algo que não acontecia com frequência. E, por mais que a senhora Rachel se esforçasse, ela não conseguia chegar a nenhuma conclusão sobre aquilo, o que acabou por estragar sua diversão daquela tarde.

“Vou a Green Gables depois do chá; preciso descobrir, com a ajuda de Marilla, onde ele foi e por que motivo”, a digna senhora finalmente decidiu. “Geralmente, ele não vai à cidade nessa época do ano e *nunca* visita ninguém. Se estivesse precisando de mais sementes de nabo, não teria se vestido tão bem nem sairia na charrete, só para buscar mais. Mas também não estava indo rápido o suficiente para alguém supor que pretendia procurar um médico. De fato, alguma coisa deve ter acontecido a partir da noite passada, para fazer com que ele saísse daquele jeito. Estou mesmo muito intrigada, essa é a verdade; não vou ter um minuto de paz ou sossego enquanto não souber o que levou Matthew Cuthbert a sair assim de Avonlea hoje.”

Então, conforme havia planejado, a senhora Rachel partiu depois do chá. Não precisava ir muito longe: a casa onde os irmãos Cuthbert moravam – grande, construída sobre uma área irregular e cercada por um pomar – ficava a menos de quinhentos metros acima do vale da família Lynde. No entanto, é preciso admitir que uma longa alameda deixava o caminho bem mais longo. Quando estabelecera sua propriedade, o pai de Matthew Cuthbert – tão tímido e calado quanto o filho – tinha construído a residência o mais longe possível de seus vizinhos, sem, no entanto, invadir o bosque. Green Gables foi construída na extremidade mais distante da área aberta e sempre permaneceu ali, quase invisível para quem estivesse na estrada principal, ao longo da qual todas as outras casas de Avonlea estavam tão sociavelmente situadas. Na opinião da senhora Rachel Lynde, viver naquele local afastado não era, de maneira nenhuma, *viver*.

– Isso é apenas *ficar*, essa é a verdade – ela disse para si mesma, enquanto caminhava pela antiga alameda coberta de relva e ladeada por arbustos de rosas silvestres. – Não é de admirar que Matthew e Marilla sejam ambos meio esquisitos... morando sozinhos aqui atrás... Árvores não são boa companhia; porém, se fossem, eles certamente estariam muito bem acompanhados. Não, eu prefiro ver pessoas. Mas, sem dúvida, eles parecem suficientemente satisfeitos; acho que estão acostumados a isso. Um ser humano pode se habituar a tudo, até mesmo a ser enforcado, como diz aquele provérbio sobre os irlandeses.

Nesse momento, a senhora Rachel saiu da alameda e entrou no quintal atrás de Green Gables. Era uma área muito verde, limpa e bem-cuidada, com grandes e respeitáveis salgueiros de um lado e imponentes álamos negros do outro. Não havia sequer um pedaço de galho seco ou uma pedra fora do lugar, pois, se houvesse, a senhora Rachel certamente teria visto. Particularmente, ela achava que Marilla Cuthbert varria aquele quintal tão frequentemente quanto varria sua casa, pois estava claro que seria possível comer uma refeição, colocada diretamente sobre aquele chão, sem, contudo, ingerir nenhuma sujeira.

Educadamente, a senhora Rachel deu uma batida rápida na porta, e entrou quando Marilla autorizou. A cozinha de Green

Gables era um cômodo alegre – ou, pelo menos, seria, se não fosse tão dolorosamente limpo, a ponto de ter uma aparência similar à de um lugar que nunca foi usado. As duas janelas davam vista para o leste e para o oeste, respectivamente; através da que mostrava o oeste, pela qual era possível ver o quintal, entrava um feixe da luz suave do sol de junho. Já pela do leste, podiam ser avistadas as flores brancas das cerejeiras do pomar à esquerda e, mais adiante, bétulas delgadas nas margens do riacho, que atravessava o vale verdejante e coberto por um emaranhado de videiras. Era perto dessa janela que Marilla Cuthbert se sentava, o que raramente acontecia, pois estava sempre ligeiramente desconfiada dos raios de sol, que lhe pareciam demasiadamente dançantes e irresponsáveis, em um mundo que deveria ser levado bem mais a sério. Entretanto, naquele momento, lá estava ela, sentada, tricotando.

A mesa, que ficava atrás de onde Marilla se encontrava, já estava posta para o jantar, e, antes de fechar completamente a porta, a senhora Rachel já tinha feito uma nota mental de tudo o que estava sobre ela. Havia três pratos distribuídos, indicando que sua vizinha esperava que alguém viesse com Matthew para a refeição. Porém, eram pratos de uso diário, e havia sobre a mesa apenas geleia de maçã silvestre e um só tipo de bolo; portanto, a pessoa esperada não era ninguém especial. Então, por que Matthew usava colarinho branco e saiu em sua charrete puxada pela égua alazã? A senhora Rachel já estava ficando tonta com esse enigma incomum na pacata e nada misteriosa Green Gables.

– Boa tarde, Rachel – Marilla falou imediatamente. – A tarde está realmente bonita hoje, não acha? Não quer se sentar? Como vai sua família?

Algo que, por falta de outro nome, poderia ser chamado de amizade, existia, e sempre havia existido, entre Marilla Cuthbert e a senhora Rachel, apesar – ou talvez por causa – de suas diferenças.

Marilla era uma mulher alta e magra, com muitos ângulos e nenhuma curva; seu cabelo escuro apresentava algumas mechas grisalhas e estava sempre penteado, formando um pequeno coque atrás da cabeça, preso muito firmemente por dois grampos de metal. Parecia uma mulher pouco experiente e muito rígida, o que

ela realmente era. Entretanto, havia, às vezes, uma expressão em sua boca que, se tivesse sido um pouco mais praticada, poderia ser indicativa de algum senso de humor.

– Estamos muito bem – a senhora Rachel respondeu. – Mas, quando vi Matthew sair hoje, tive receio de que você não estivesse bem. Pensei que talvez ele estivesse indo em busca do médico.

Os lábios de Marilla se contraíram, demonstrando que ela já esperava por aquela pergunta. Ela sabia que a senhora Rachel viria, pois a visão de Matthew partindo daquela maneira tão inexplicável seria estímulo demais para a curiosidade de sua vizinha.

– Oh, não, estou perfeitamente bem, embora tenha tido uma dor de cabeça bastante desagradável ontem – disse. – Matthew foi a Bright River. Vamos adotar um garoto de um orfanato em Nova Escócia, e ele vem no trem de hoje à tarde.

Se Marilla tivesse falado que Matthew tinha ido a Bright River se encontrar com um canguru australiano, a senhora Rachel não teria ficado tão perplexa; na verdade, a mulher ficou paralisada por uns cinco segundos. Embora fosse absolutamente impensável que Marilla estivesse zombando dela, a senhora Rachel foi quase forçada a supor isso.

– Está falando sério, Marilla? – perguntou, assim que sua voz retornou.

– Sim, claro – Marilla respondeu naturalmente, como se adotar garotos de um orfanato em Nova Escócia fizesse parte de uma rotina normal de primavera em qualquer fazenda bem-administrada de Avonlea, e não uma inovação da qual nunca se tinha ouvido falar.

A senhora Rachel sentiu que havia recebido um severo golpe mental. Seus pensamentos eram só exclamações: “Um garoto! De um orfanato! Ora, com certeza, o mundo está virado de cabeça para baixo! Depois disso, nada mais me surpreenderia! Nada!”.

– Afinal de contas, como foi que essa ideia veio parar na sua cabeça, Marilla? – ela perguntou, com tom de completa reprovação. Afinal, aquela decisão havia sido tomada sem que sua opinião fosse consultada e, por isso, era digna de reprovação.

– Bem, já vínhamos pensando nisso há algum tempo... Melhor dizendo, durante todo o inverno – Marilla explicou. – A senhora

Alexander Spencer esteve aqui um dia antes do Natal e nos contou que, na primavera, ia trazer uma garotinha do orfanato de Hopeton. A prima dela mora lá, e a senhora Spencer visitou esse orfanato; ela sabe tudo sobre ele. Desde então, Matthew e eu começamos a falar sobre isso, de tempos em tempos. Pensamos em buscar um garoto. Matthew está envelhecendo, sabe como é... Já tem 60 anos... Não é mais tão ágil como era antes e, além do mais, está com problemas sérios no coração. Você sabe como é desesperadamente difícil contratar trabalhadores para nos ajudar: nunca se acha ninguém, a não ser aqueles adolescentes franceses estúpidos. E, assim que você consegue ensiná-los a fazer as coisas do jeito apropriado, vão embora para trabalhar nas fábricas de carne de lagosta enlatada, ou se mudam para os Estados Unidos. No início, Matthew sugeriu que trouxéssemos um rapaz da Inglaterra, mas eu disse “não” categoricamente. “Eles podem ser bons... não estou dizendo que não são... mas não quero meninos de rua londrinos”, falei com ele. “Ao menos, que seja um garoto nascido aqui. De qualquer modo, vamos correr um risco, mas vou me sentir mentalmente melhor, e dormir melhor à noite, se tivermos conosco um rapazinho canadense.” Por fim, decidimos pedir à senhora Spencer que escolhesse um para nós quando ela fosse buscar sua menina. E, na semana passada, quando soubemos que ela estava indo, lhe enviamos uma mensagem – pelos parentes de Richard Spencer que vivem em Carmody –, na qual pedíamos que nos mandasse um garoto apropriado e esperto, de 10 ou 11 anos. Decidimos que essa seria a melhor idade: suficientemente crescido para ser logo útil no cumprimento das tarefas e, ao mesmo tempo, suficientemente jovem para ser treinado adequadamente. Pretendemos lhe oferecer um lar e uma boa educação. Então, hoje, o carteiro trouxe da estação ferroviária um telegrama da senhora Alexander Spencer dizendo que eles viriam no trem das 17h30; por isso, Matthew foi a Bright River: para buscar o garoto. Depois de deixá-lo lá, a senhora Spencer vai seguir com a menina para a estação de White Sands.

Como a senhora Rachel tinha orgulho de sempre dizer francamente o que pensava, foi o que ela fez naquele momento, após haver definido mentalmente qual seria sua reação diante daquela notícia surpreendente.

– Escute, Marilla, vou lhe dizer sinceramente que acho isso uma grande besteira... É uma atitude arriscada, essa é a verdade. Você não sabe o que está fazendo. Está trazendo uma criança desconhecida para dentro de sua casa... de seu lar. Não sabe nada sobre esse garoto, nem sobre seu temperamento, muito menos que tipo de pais ele teve, ou em que espécie de pessoa ele pode se transformar. Ora, ainda na semana passada, li no jornal que um homem e sua esposa, moradores do oeste da ilha, levaram para seu lar um menino de um orfanato, e, durante a noite, o garoto pôs fogo na casa... e fez isso *de propósito*, Marilla... quase transformou o casal em carvão... em sua própria cama! E sei também de outro caso em que um menino adotado costumava chupar todos os ovos da casa... e ninguém nunca conseguiu lhe tirar esse hábito. Se você tivesse me pedido um conselho... o que você não fez, Marilla... eu teria lhe dito para, por tudo o que há de mais sagrado, nem pensar em fazer uma coisa dessas... essa é a verdade.

Contudo, tais comentários “reconfortantes” pareceram não ofender nem alarmar Marilla, que continuou a tricotar tranquilamente.

– Não nego que o que está dizendo tenha algum fundamento, Rachel. Eu mesma tive algumas inquietações a esse respeito. Mas Matthew estava totalmente decidido. Vi isso claramente e, portanto, resolvi ceder. É tão raro Matthew cismar com alguma coisa que, quando isso acontece, sempre acho que tenho a obrigação de concordar com ele. Quanto aos riscos, eles existem em praticamente qualquer coisa que seja feita neste mundo. Se pensarmos bem, há riscos até em se ter filhos próprios... nem sempre eles se tornam boas pessoas. Além disso, Nova Escócia é muito perto de nossa ilha. Não é como se estivéssemos trazendo o garoto da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Portanto, ele não pode ser muito diferente de nós mesmos.

– Bem, espero que tudo dê certo – disse a senhora Rachel, com um tom de voz que mostrava claramente suas tristes dúvidas. – Mas não diga que não avisei, caso o menino incendeie Green Gables ou jogue veneno no poço... Ouvi contar uma história que aconteceu em New Brunswick, onde uma criança de um orfanato fez isso e toda a

família morreu, e com muito sofrimento; só que, nesse caso, era uma menina.

– Ora, não estamos trazendo uma menina – Marilla afirmou, como se envenenar poços fosse um comportamento exclusivamente feminino e, por isso, não fosse necessário temer que um menino fizesse isso. – Eu jamais pensaria em trazer uma garota para criarmos. Acho até admirável a senhora Alexander Spencer fazer isso, mas, pensando bem, ela não hesitaria em adotar até um orfanato inteiro, se pusesse essa ideia na cabeça.

A senhora Rachel gostaria de permanecer ali até Matthew voltar com seu órfão importado, mas, ao concluir que ainda teria de esperar umas duas horas, decidiu subir a rua para contar a novidade ao senhor Bell, o superintendente. Certamente, isso causaria uma sensação sem precedentes no povoado, e a senhora Rachel realmente adorava causar sensação. Sendo assim, foi embora, deixando Marilla um tanto aliviada, pois havia sentido suas dúvidas e medos renascerem por influência do pessimismo da vizinha.

– Por tudo o que há nesse mundo – a senhora Rachel murmurou, quando já se sentia em segurança na alameda –, parece até que estou sonhando... Ora, tenho é pena desse pobre garoto, muita pena. Marilla e Matthew não sabem nada sobre crianças e esperam que ele seja mais sábio e mais equilibrado que seu próprio avô, se é que ele algum dia teve um avô, o que é duvidável. De qualquer modo, acho esquisito imaginar uma criança em Green Gables. Nunca houve nenhuma nesse lugar... Matthew e Marilla já eram crescidos quando a casa nova foi construída... Se é que algum dia eles foram crianças, o que também é difícil acreditar ao olharmos para eles. Não queria estar no lugar desse órfão por nada... oh, tenho muita pena dessa criança... Essa é a verdade!

Foi isso que a senhora Rachel falou, do fundo de seu coração, para os arbustos de rosas silvestres. Mas se ela pudesse ter visto a criança que esperava pacientemente na estação ferroviária de Bright River, naquele exato momento, sua piedade seria ainda maior e mais profunda.



CAPÍTULO II

*Matthew Cuthbert
se surpreende*

*M*atthew Cuthbert e a égua alazã trotavam confortavelmente sobre os quase treze quilômetros de estrada até Bright River. Era uma estrada bonita, margeada por propriedades rurais bem-cuidadas e, ocasionalmente, atravessada por um bosque de abetos* ou um vale onde havia ameixas silvestres pendentes em galhos cobertos de flores. O ar estava perfumado com o doce aroma dos muitos pomares de macieiras, e os prados distantes estavam cobertos por uma névoa semelhante a um manto púrpura e pérola. Enquanto isso,

*os passarinhos cantavam como se aquele fosse
o único dia de verão em todo o ano***

Matthew gostava de viajar assim, à sua maneira, com exceção dos momentos em que encontrava mulheres pelo caminho e tinha de acenar para elas com a cabeça. Era preciso fazer isso, porque, naquela ilha do Canadá – Prince Edward Island –, as pessoas tinham o costume de cumprimentar todos que encontrassem, independentemente de serem conhecidos ou não.

Matthew temia todas as mulheres – com exceção de Marilla e da senhora Rachel –, pois sempre tinha uma sensação desconfortável de que aquelas criaturas misteriosas estavam rindo secretamente dele. E pode até ser que ele estivesse certo quando pensava assim, pois sua aparência era mesmo estranha. Era um homem desajeitado, com cabelos grisalhos tocando os ombros caídos e com uma barba castanha, espessa e macia, que ele cultivava desde os 20 anos de idade. De fato, o aspecto que apresentava aos 20 anos era bem parecido com o que possuía aos 60, não fosse pelo tom agora acinzentado do cabelo.

Quando Matthew chegou a Bright River, não havia nenhum de sinal de trem algum. Pensou que ainda estava cedo e, portanto, amarrou seu cavalo no pátio do pequeno hotel da cidade e se dirigiu à estação ferroviária. A longa plataforma estava quase deserta. A única criatura à vista era uma garota pequena sentada sobre uma pilha de telhas em uma das extremidades dela. Porém, tendo notado que se tratava de uma *menina*, Matthew passou por ela o mais depressa que pôde, sem sequer lhe dirigir um olhar. Se tivesse feito isso, dificilmente deixaria de perceber a tensão e a expectativa que reinavam em sua postura e na expressão de seu rosto. Com certeza, ela estava sentada ali esperando por alguém, ou por alguma coisa, e, como sentar e esperar eram sua única opção naquele momento, ela fazia isso com toda a sua força e energia.

Matthew encontrou o oficial responsável pela estação, que estava fechando a bilheteria e se preparando para ir para casa jantar, e lhe perguntou se o trem das 17h30 ia demorar a passar por ali.

– O trem das 17h30 veio e foi embora há meia hora – o homem, apressado, respondeu. – Mas deixou um passageiro para o senhor... uma menina. Está sentada ali, sobre as telhas. Pedi que ficasse na sala feminina de espera, mas ela falou que preferia ficar do lado de fora. Disse que aqui havia “mais oportunidades para usar

a imaginação”. Ora, eu diria que ela parece uma personagem bastante rara...

– Não estou aguardando uma menina – Matthew afirmou, sem dar muita atenção ao que o homem dizia. – Vim buscar um garoto. Ele deveria estar aqui. A senhora Alexander Spencer ia trazê-lo de Nova Escócia para mim.

O oficial deu um assovio curto, mostrando-se admirado.

– Imagino que haja algum engano – falou. – A senhora Spencer saiu do trem junto com essa menina e a deixou sob minha guarda. Disse que o senhor e sua irmã estavam adotando a garota; que ela vinha de um orfanato e que o senhor viria buscá-la agora. Isso é tudo o que sei... e não existe nenhum outro órfão escondido por aqui.

– Não estou entendendo nada – afirmou Matthew, sem saber como agir e desejando que Marilla estivesse por perto para lidar com aquela situação.

– Bem, é melhor o senhor conversar com a menina – o oficial da estação respondeu, calmamente. – Aposto que ela vai saber explicar isso... essa garota *tem* o que dizer, está claro. Talvez eles não tivessem um menino como o que o senhor queria.

Assim dizendo, o homem foi embora rapidamente, pois estava com fome, e deixou o pobre Matthew com a tarefa de fazer o que para ele era mais difícil do que tirar um leão de seu covil, puxando-o pela barba: dirigir-se a uma menina... uma menina desconhecida... uma menina órfã... e lhe perguntar por que ela não era um menino. Lamentando-se internamente, Matthew se virou e se arrastou lentamente pela plataforma, em direção à garota.

Esta tinha começado a observá-lo no momento em que ele passara por ela, e continuava a fazer isso. Matthew não estava olhando para ela e, mesmo se estivesse, não teria visto como a menina era: uma criança de mais ou menos 11 anos de idade, usando um vestido amarelo-acinzentado muito curto, muito apertado e muito feio. Trazia na cabeça um chapéu de marinheiro marrom, desbotado, e sobre suas costas se estendiam duas tranças grossas de cabelo indiscutivelmente ruivo. Seu rosto era pequeno, pálido, magro e coberto de sardas. A boca era grande, assim como os

olhos, que pareciam verdes em algumas luzes e alguns estados de espírito, e cinzas, em outros.

Essas seriam as características vistas por um observador qualquer. Já um observador mais atento teria visto que o queixo era bastante pontiagudo e proeminente; que os olhos grandes eram cheios de ânimo e disposição; que a boca era expressiva e revelava certa doçura; que a testa era alta e larga. Em resumo, nosso observador atento e perspicaz poderia ter concluído que não era uma alma comum que habitava o corpo daquela garota solitária, a quem o tímido Matthew temia ridiculamente.

No entanto, Matthew foi poupado do sofrimento de falar primeiro, pois assim que ela concluiu que ele vinha em sua direção, levantou-se, pegando, com uma das mãos – magras e brancas –, a alça de uma bolsa de viagem velha e surrada, e estendendo a outra para ele.

– Suponho que seja o senhor Matthew Cuthbert, de Green Gables – ela disse, com uma voz peculiarmente clara e doce. – Estou muito contente em ver o senhor. Estava começando a temer que não viesse me buscar e a imaginar todas as coisas que poderiam ter acontecido para impedir sua vinda. Já tinha decidido que, se o senhor não aparecesse hoje, eu caminharia pelos trilhos até aquela cerejeira grande ali na curva e subiria nela, para passar a noite lá. Não sentiria medo algum, e penso até que seria muito agradável dormir em uma cerejeira coberta de flores brancas, sob o luar. O senhor não concorda? Poderia imaginar que estava morando em um salão de mármore, não é verdade? Mas eu tinha certeza de que o senhor viria me buscar amanhã de manhã, se não pudesse vir hoje.

Matthew tinha segurado desajeitadamente aquela mão pequena e magricela e, exatamente naquele lugar e naquele momento, havia resolvido o que faria. Ele não poderia contar para aquela criança de olhos brilhantes que tinha ocorrido um engano. Ele a levaria para casa, onde Marilla falaria com ela. De qualquer modo, a menina não poderia ficar abandonada em Bright River, fosse qual fosse o erro cometido; portanto, todas as perguntas e explicações deveriam ser adiadas para quando ele estivesse seguramente de volta a Green Gables.

– Desculpe o atraso – ele disse timidamente. – Venha, o cavalo está ali no pátio daquele hotel. Me dê sua bolsa.

– Oh, eu posso carregar – a criança respondeu, alegremente. – Não está pesada. Todos os meus pertences materiais estão dentro dela, mas não está pesada. E se a gente não segurar de determinada maneira, a alça se desprende... Por isso, é melhor eu carregar, porque eu sei exatamente onde é que tenho de pegar. É uma bolsa muito, muito velha. Oh, estou tão contente porque o senhor veio!... Mesmo sabendo que ia ser bom dormir em cima de uma cerejeira... Temos de viajar por um bom tempo, não temos? A senhora Spencer falou que era uma distância de uns treze quilômetros. Estou satisfeita, porque adoro viajar. Oh, é tão maravilhoso pensar que vou morar com o senhor e sua irmã... e pertencer a vocês... Nunca pertenci a ninguém... pelo menos assim, de verdade. O orfanato era horrível. Fiquei lá só quatro meses, mas foi tempo suficiente. Acho que o senhor nunca foi um órfão num orfanato; então, não pode entender como é isso. É pior do que qualquer coisa que puder imaginar. A senhora Spencer falou que eu estava sendo má quando eu disse isso para ela, mas eu não queria ser má. É tão fácil ser má sem saber, não é? Elas eram boas, sabe... as pessoas lá do orfanato. Mas há tão poucas oportunidades para usar a imaginação num orfanato... só mesmo com os outros órfãos. Era muito interessante imaginar coisas sobre eles... Imaginar que a menina que sentava do seu lado era, na verdade, a filha de um conde muito importante, que tinha sido roubada de seus pais quando era muito pequena, por uma enfermeira cruel que tinha morrido antes de poder confessar seu crime. Eu costumava ficar acordada de noite, imaginando essas coisas, porque não tinha tempo pra isso durante o dia. Acho que é por esse motivo que sou tão magra... sou horrivelmente magra, não sou? Não tem nada em cima dos meus ossos. Adoro imaginar que sou bonita e cheia de carne, com curvas nos cotovelos.

A menina parou de falar; em parte, porque já estava sem fôlego, e, em parte, porque chegaram à charrete. Não disse mais nenhuma palavra até deixarem a cidade e descerem uma pequena colina íngreme, um pedaço da estrada cujo solo macio tinha sido escavado tão profundamente que as encostas, ladeadas por cerejeiras floridas

e por delgadas bétulas brancas, estavam pouco acima da cabeça deles.

A menina esticou o braço e arrancou um galho da cerejeira que havia trombado em uma parte lateral da charrete.

– Isso não é lindo? Em que aquela árvore inclinada para fora da encosta, toda branca, parecendo uma renda, fez o senhor pensar? – ela perguntou.

– Bem... ah, não sei – Matthew respondeu.

– Ora, uma noiva, claro... Uma noiva toda de branco, com um lindo véu esvoaçante. Nunca vi uma, mas posso imaginar como seria. Não tenho nenhuma esperança de ser uma noiva um dia. Sou tão sem graça que ninguém jamais vai querer se casar comigo... a não ser, talvez, um missionário estrangeiro. Suponho que um missionário estrangeiro não seja muito exigente. Mas realmente espero que um dia eu possa ter um vestido branco. Esse é o meu maior desejo de felicidade na Terra... adoro roupas bonitas!... Nunca tive um vestido bonito em minha vida... pelo menos, não me lembro de nenhum... É claro que isso é um ótimo motivo para desejar um, não é? Posso imaginar que estou vestida maravilhosamente. Hoje de manhã, me senti tão envergonhada de ter que usar esse vestido velho e horroroso... Sabe, todas as órfãs tinham de usar um desses. No inverno passado, um mercador de Hopeton doou para o orfanato quase cem metros desse tecido. Algumas pessoas disseram que foi porque ele não tinha conseguido vender o pano, mas eu prefiro acreditar que foi por bondade de seu coração; o senhor não ia preferir também? Quando subi no trem, senti como se todos estivessem olhando com piedade pra mim. Mas então, simplesmente pus minha imaginação para trabalhar e pensei que estava usando o mais belo vestido azul-claro de seda... Pois quando a gente está *imaginando*, tem de pensar em coisas que valham a pena... não tem razão pra não ser assim... um vestido de seda, um chapéu grande coberto de flores e com plumas balançando, um relógio de ouro e luvas e botas de pelica. Fiquei alegre imediatamente e apreciei a viagem de trem o máximo que pude. Depois, não senti nenhum enjoo no barco; nem a senhora Spencer, que geralmente fica enjoada. Ela disse que não teve tempo para sentir enjoo, porque tinha de me vigiar para eu não cair

do barco. Falou que nunca conheceu ninguém que andasse tanto pra lá e pra cá quanto eu. Mas, se isso impediu que ela ficasse enjoada, foi bom eu ter perambulado, não foi? Tudo o que eu queria era ver todas as coisas que podiam ser vistas naquele barco, pois não sabia quando ia ter outra oportunidade... Olhe! Tem mais uma porção de cerejeiras cheias de flores! Esta ilha é o lugar mais florido de todos os que existem! Já estou amando este lugar... e estou tão contente porque vou morar aqui com o senhor e sua irmã! Sempre ouvi dizer que Prince Edward Island era o lugar mais bonito do mundo, e eu costumava imaginar que estava morando aqui, mas nunca esperei que isso se tornaria realidade um dia. É delicioso quando as coisas que a gente imagina se tornam realidade, não é?... Olhe, aquelas estradas vermelhas são tão engraçadas, não são? Quando entramos no trem, em Charlottetown, e as estradas vermelhas começaram a passar depressa por nós, perguntei à senhora Spencer por que elas eram daquela cor; ela disse que não sabia e pediu, pelo que há de mais sagrado, que eu não fizesse mais nenhuma pergunta; falou que até aquele momento eu provavelmente já tinha feito mil perguntas. Acho que tinha mesmo, mas como é que a gente vai saber as coisas, se não perguntar? E por que as estradas são vermelhas?

– Bem... ah, não sei – Matthew falou.

– É uma das coisas que tenho de descobrir algum dia. Não é maravilhoso pensar em todas as coisas que ainda temos de aprender? Isso só me faz sentir feliz por estar viva... o mundo é tão interessante... Não ia ser nem metade tão interessante se a gente soubesse tudo sobre todas as coisas, não acha? Não iam existir muitas oportunidades para a imaginação, não é? Estou falando demais? As pessoas sempre dizem que eu falo demais. O senhor prefere que eu fique calada? Se disser que sim, eu paro de falar. Eu *consigo* parar quando decido isso, apesar de ser bastante difícil.

Matthew, para sua própria e grande surpresa, estava se divertindo. Assim como a maioria das pessoas caladas, ele gostava de gente tagarela que se encarregava de manter a conversa sem esperar que ele participasse. Contudo, ele nunca tinha pensado que gostaria da companhia de uma menina. As mulheres eram suficientemente desagradáveis em todos os sentidos, mas as

meninas eram piores. Ele detestava o jeito como elas passavam por ele discreta e timidamente, desviando o olhar, como se esperassem que ele as engolisse inteiras, caso se aventurassem a dizer uma só palavra. Assim eram as meninas bem-educadas de Avonlea. No entanto, aquela pestinha sardenta era muito diferente. E, embora fosse um pouco difícil para ele – com sua inteligência meio lenta – acompanhar os rápidos processos mentais dela, Matthew pensou que, “de alguma forma, ele gostava da tagarelice daquela menina”. Portanto, falou, acanhado como de costume:

– Oh, pode falar o tanto que quiser. Eu não me importo.

– Ah, estou tão contente! Sei que o senhor e eu vamos viver muito bem juntos. Sabe, é um grande alívio poder falar quando a gente quer, sem ter de escutar que crianças devem ser vistas, e não ouvidas. Já disseram isso para mim um milhão de vezes. E as pessoas riem de mim porque uso palavras complicadas. Ora, se a gente tem ideias complicadas, tem de usar palavras complicadas para expressar essas ideias, não é?

– Bem... ah, isso parece sensato – Matthew falou.

– A senhora Spencer acha que minha língua está solta na boca. Mas não está... está presa firmemente lá no fundo. Ela disse também que sua casa se chama Green Gables. Perguntei tudo sobre o lugar onde o senhor mora. Ela falou que tem muitas árvores ao redor da casa. Fiquei mais contente do que nunca. Eu simplesmente amo as árvores. Não tinha nenhuma perto do orfanato, só uns poucos, pequenos e pobres arbustos na frente da casa; e ficavam dentro de uma espécie de gaiola pintada de branco. Parecia que elas também eram órfãs... parecia mesmo. Eu tinha vontade de chorar quando olhava para elas. Então, eu dizia: “Oh, *pobrezinhas!* Se vocês estivessem num bosque grande, com árvores a seu redor, musgos e campânulas crescendo sobre suas raízes, pássaros cantando em seus galhos e um riacho não muito distante, poderiam crescer muito, não poderiam? Mas, no lugar em que estão, não podem. Sei exatamente como se sentem, *arvorezinhas!*”. Fiquei triste quando me despedi delas hoje de manhã. A gente se apega tanto a essas coisas, não é? Tem algum riacho perto de Green Gables? Esqueci de perguntar isso pra senhora Spencer.

– Bem... ah, tem um logo abaixo da casa.

– Que ótimo! Morar perto de um riacho sempre foi um dos meus sonhos. Mas nunca achei que isso ia acontecer. Nem sempre os sonhos se tornam realidade, não é? Não seria muito bom se fosse diferente? Agora, estou me sentindo quase totalmente feliz. Só não posso ficar totalmente feliz porque... bem, que cor é essa?

Dizendo isso, a menina pegou uma de suas tranças longas e brilhantes e colocou diante dos olhos de Matthew. Ele não estava nem um pouco acostumado a decidir sobre a tonalidade de tranças de mulheres, mas nesse caso não podia haver muita dúvida.

– É vermelho, não é? – respondeu.

A menina jogou a trança sobre as costas, com um suspiro que pareceu vir do fundo de seu coração e exalar todas as tristezas de todos os tempos.

– Sim, é vermelho – ela falou, resignada. – Agora o senhor já sabe por que eu não posso ser totalmente feliz. Ninguém que possui cabelo ruivo pode. Não me importo muito com as outras coisas... as sardas, os olhos verdes e minha magreza. Consigo me imaginar sem elas. Consigo imaginar que tenho uma pele rosada e olhos da cor de violeta, lindos e brilhantes. Mas *não consigo* me ver sem o cabelo vermelho. Eu me esforço o máximo que posso... falo comigo mesma: “Agora seu cabelo é gloriosamente negro; negro como as asas de um corvo”. Mas não adianta; *sei* o tempo todo que ele é simplesmente ruivo, e isso corta meu coração. Essa tristeza vai me acompanhar pela vida toda. Uma vez, eu li um romance sobre uma garota que teve uma tristeza para a vida toda, mas não era um cabelo vermelho. Na verdade, seu cabelo era dourado e tinha cachos que caíam sobre sua testa de alabastro. O que é uma testa de alabastro? Nunca consegui descobrir. O senhor pode me dizer?

– Bem... ah, eu... receio que não – respondeu Matthew, que já se sentia um pouco tonto. Estava com a mesma sensação que havia tido uma vez, durante um piquenique em sua juventude impetuosa, quando foi convencido por outro garoto a andar de carrossel.

– Ora, o que quer que seja, deve ser alguma coisa muito boa, porque ela era divinamente bonita. Já imaginou o que deve sentir uma pessoa divinamente bonita?

– Bem... ah, não, nunca – Matthew confessou ingenuamente.

– Eu já, muitas vezes. O que o senhor preferiria ser, se pudesse escolher: divinamente bonito, deslumbrantemente inteligente, ou angelicamente bom?

– Bem... ah, não sei exatamente.

– Nem eu. Nunca consigo chegar a uma conclusão. Mas isso não faz realmente muita diferença, porque não é provável que um dia eu seja qualquer uma dessas coisas. Pelo menos, é certo que nunca serei angelicamente boa. A senhora Spencer falou que... Oh, senhor Cuthbert! Oh, senhor Cuthbert!! Oh, senhor Cuthbert!!!

Não era isso que a senhora Spencer havia falado, nem se pode dizer que, naquele momento, a menina tinha caído da charrete, ou que Matthew tinha dito alguma coisa espantosa. Eles haviam apenas feito uma curva na estrada e entrado na “Avenida”.

A “Avenida”, como era chamada pelos habitantes de Newbridge, era um trecho da estrada, com quatrocentos a quinhentos metros de comprimento, completamente coberto por um arco formado de macieiras enormes, que se estendiam amplamente no ar e que foram plantadas, muitos anos atrás, por um velho fazendeiro excêntrico. Acima da cabeça dos dois, havia galhos cheios de flores brancas e perfumadas. Abaixo dos ramos, o ar estava tomado por uma penumbra arroxeadada, e, à frente, bem mais adiante, era possível vislumbrar o céu pintado pelo pôr do sol, brilhando como o vitral de uma grande janela na extremidade da nave de uma catedral.

Tamanha beleza pareceu ter paralisado a menina. Ela se inclinou para trás na charrete, apertou suas mãos magras diante do corpo e levantou o rosto, encantada com o esplendor das flores brancas. Mesmo quando já tinham passado pela “Avenida” e estavam descendo a longa encosta, rumo a Newbridge, ela não se moveu, nem falou nada. Ainda com a expressão de êxtase no rosto, admirava o pôr do sol ao longe, a oeste, com olhos que viam imagens desfilando esplendidamente naquele cenário brilhante. Atravessaram Newbridge – um vilarejo movimentado, onde cachorros latiam para eles, meninos pequenos gritavam e rostos curiosos apareciam nas janelas para espiá-los – ainda em silêncio. Depois que deixaram mais cinco quilômetros para trás, a menina ainda não tinha pronunciado uma só palavra. Ficou evidente que ela

podia se manter calada com a mesma capacidade que tinha para tagarelar.

– Suponho que você esteja muito cansada e faminta – Matthew finalmente ousou falar, atribuindo aquela mudez à única razão na qual pôde pensar. – Já não temos mais muito caminho pela frente... menos de dois quilômetros apenas.

Então, ela despertou de seu devaneio com um suspiro profundo e olhou para ele com a expressão de uma alma sonhadora que tinha viajado para muito longe, guiada pelas estrelas.

– Oh, senhor Cuthbert – sussurrou –, aquele lugar que atravessamos... aquele lugar branco... o que era aquilo?

– Bem... ah, você deve estar falando da “Avenida” – Matthew respondeu, após alguns momentos de reflexão profunda. – É um lugar bonito.

– Bonito? Oh, *bonito* não me parece ser a palavra certa para usar aqui. Nem *belo*. Essas palavras não expressam o suficiente. Oh, aquilo é maravilhoso... *maravilhoso!* É a primeira coisa que vi, em toda a minha vida, que não pode ser aperfeiçoada pela imaginação. Senti uma grande satisfação ali – pôs a mão sobre o peito – e, também, uma dor muito estranha... era uma dor gostosa. Já sentiu alguma vez uma dor assim, senhor Cuthbert?

– Bem... ah, não me lembro de já ter sentido.

– Isso me acontece várias vezes... sempre que vejo alguma coisa realmente bela. Ora, não deveriam chamar aquele lugar maravilhoso de “Avenida”. Um nome como esse não expressa nada. Ele deveria se chamar... vamos pensar... Caminho Branco do Encantamento. Esse não é um nome bonito e criativo? Quando não gosto do nome de uma coisa ou de uma pessoa, sempre imagino um novo nome e, a partir daí, sempre penso neles assim. Tinha uma garota no orfanato que se chamava Hepzibah Jenkins, mas, para mim, ela era Rosalia De Vere. Todo mundo pode chamar aquele lugar de “Avenida”, mas para mim ele vai ser sempre o Caminho Branco do Encantamento. Temos mesmo de percorrer menos de dois quilômetros para chegarmos? Estou contente e estou triste por isso. Triste, porque essa viagem está muito agradável, e sempre fico triste quando coisas boas acabam. Pode ser até que em seguida venha algo mais agradável ainda, mas nunca podemos ter certeza

sobre isso. E é tão frequente não vir alguma coisa melhor... pelo menos, essa tem sido minha experiência. Mas estou contente por pensar em chegar a Green Gables. Sabe, não me lembro de já ter morado em um lar de verdade. Só de pensar em chegar a um verdadeiro lar, sinto aquela dor gostosa de novo. Oh, aquilo não é bonito?

Tinham chegado ao topo da colina. Abaixo deles, havia um lago que, por ser muito longo e sinuoso, até parecia um rio. Uma ponte se estendia até o meio dele, e depois seguia para sua extremidade mais baixa, onde uma sequência de colinas de areia em tons de âmbar o separava do golfo azul-escuro que havia do outro lado. A água era um espelho de cores que mudavam constantemente: dos graus mais místicos de luz e sombras amarelas aos mais sublimes tons de verde e outras nuances indescritíveis, para as quais nunca foram encontrados nomes.

Para lá da ponte, estava o lago, manchado pelas sombras escuras e oscilantes dos abetos e bordos^{***} que compunham os bosques da margem oposta. Aqui e ali, um galho repleto de ameixas silvestres se inclinava sobre a água, como uma moça vestida de branco, buscando, na ponta dos pés, seu próprio reflexo. Do pântano, em outra margem do lago, vinha o coro nítido e melancolicamente doce dos sapos. Em uma encosta mais além, havia uma casa cinza pequena, em meio a um pomar branco de maçãs, e, embora o céu ainda não estivesse escuro, uma luz brilhava em uma de suas janelas.

– É o lago de Barry – Matthew falou.

– Ah, não gosto desse nome também. Vou chamar esse lago de... vamos ver... o Lago das Águas Brilhantes. Sim, esse é o nome certo para ele. Sei disso por causa do arrepio. Sempre que encontro um nome que se encaixa perfeitamente, sinto um arrepio. Existem coisas que fazem o senhor sentir um arrepio?

Matthew ficou pensativo.

– Bem... ah, sim. Sempre sinto uma espécie de arrepio quando vejo aquelas lagartas brancas horrorosas que cavam buracos nos canteiros de pepinos. Odeio a aparência delas.

– Oh, não acho que esse é exatamente o mesmo tipo de arrepio. O senhor acha que pode ser? Parece que não existe muita conexão

entre lagartas e lagos de águas brilhantes, existe? Mas por que é que ele tem esse nome... lago de Barry?

– Só pode ser porque o senhor Barry mora naquela propriedade ali. O nome dela é Orchard Slope. Se não fosse por aquela mata atrás dela, daqui a gente poderia ver Green Gables. Mas temos de atravessar a ponte e dar a volta pela estrada, de modo que ainda temos cerca de oitocentos metros pela frente.

– O senhor Barry tem alguma filha pequena? Quer dizer, não muito pequena... mais ou menos do meu tamanho?

– Tem uma de uns 11 anos de idade. O nome dela é Diana.

– Oh! – a menina exclamou, com um suspiro longo e profundo. – Que nome perfeitamente adorável!

– Bem... ah, não sei. Para mim, parece um nome pagão. Prefiro Jane ou Mary, ou alguma coisa assim, mais sensata. Mas, quando Diana nasceu, tinha um professor hospedado lá, e eles lhe pediram para escolher o nome da menina. Ele quis que fosse Diana.

– Então, eu queria que tivesse um professor hospedado onde eu nasci. Oh, aqui está a ponte! Vou fechar bem os olhos. Sempre tenho medo de atravessar pontes. Não consigo deixar de imaginar que, quando a gente estiver bem na metade do caminho, elas vão se partir... como se fosse um canivete sendo fechado... e nos engolir. Por isso, fecho os olhos. Mas sempre os abro de novo, quando acho que estamos perto do meio dela, porque... o senhor sabe... se a ponte *realmente* se quebrar, eu gostaria de *ver* isso acontecer. Que estrondo bonito isso ia causar! Eu sempre gosto dessa parte... do estrondo. Não é esplêndido existir no mundo tanta coisa para a gente gostar? Pronto, saímos da ponte! Agora, vou olhar para trás. Boa noite, querido Lago das Águas Brilhantes! Sempre digo boa noite para tudo o que amo, do mesmo jeito que faria se fossem pessoas. Olhe, parece que o lago está sorrindo para mim.

Quando já tinham subido a colina mais distante e feito uma curva, Matthew disse:

– Estamos bem perto de casa agora. Ali está Green Gables, sobre...

– Oh, não me conte! – ela o interrompeu, ansiosa, segurando o braço parcialmente levantado de Matthew e fechando os olhos para

não ver o que ele pretendia lhe mostrar. – Deixe-me adivinhar. Tenho certeza de que vou acertar.

A menina abriu os olhos e examinou o que havia a seu redor. Estavam no topo da colina. Havia algum tempo que o sol tinha se posto, mas a paisagem ainda estava visível na luz suave do crepúsculo. A oeste, a torre escura de uma igreja se erguia em meio a um céu dourado. Mais abaixo, havia um pequeno vale e, atrás dele, uma encosta longa e levemente inclinada, com fazendas bem-cuidadas espalhadas sobre ela. Os olhos da menina passavam rapidamente, ansiosos e aflitos, de uma para outra. Por fim, pousaram demoradamente sobre uma casa branca à esquerda, muito atrás da estrada, rodeada por um bosque com árvores floridas, iluminadas apenas pela luz suave do anoitecer. Sobre ela, no céu límpido do sudoeste, uma estrela grande e cristalina brilhava como uma luz que orienta e faz promessas.

– É aquela ali, não é? – ela disse apontando para a casa.

Matthew bateu com as rédeas no lombo da égua, admirado.

– Bem... ah, você adivinhou! Mas aposto que a senhora Spencer descreveu a casa pra você.

– Não, não é verdade... não mesmo. Tudo o que ela disse poderia se encaixar na maioria desses outros lugares. Eu não tinha a menor ideia de como ela era. Mas, assim que vi aquela, senti que era meu lar. Oh, parece que estou num sonho. Sabe, meu braço deve estar preto e roxo, do cotovelo para cima, de tanto que me belisquei hoje. A cada segundo, uma sensação horrível tomava conta de mim, e eu ficava com muito medo de tudo ser apenas um sonho. Então, eu me beliscava para ver se era tudo real mesmo... até que me dei conta de que, mesmo se fosse só um sonho, eu deveria continuar sonhando o maior tempo possível; então, parei de me beliscar. Mas é tudo real, e já estamos perto de casa!

Com um suspiro de êxtase, ela se calou outra vez. Matthew se sentiu apreensivo. Estava contente em pensar que seria Marilla quem teria de contar àquela pobre criança abandonada pelo mundo que, na verdade, aquele lar que ela tanto desejava não era para ser seu.

Percorreram o vale dos Lynde, onde já estava escuro, mas não o suficiente para a senhora Rachel não os ver de sua janela. Depois,

subiram a colina e entraram na longa alameda de Green Gables. Quando chegaram à casa, Matthew estava apavorado com a proximidade do momento da revelação, e nem ele mesmo entendeu o motivo desse pânico tão forte. Não era o problema que esse engano provavelmente traria para Marilla e para ele próprio que o atormentava, mas sim a decepção que a criança sofreria. Só de pensar que aquela luz de felicidade seria extinguida dos olhos dela, ele teve a sensação extremamente desconfortável de que em breve presenciaria um assassinato; era um sentimento muito parecido com o que tomava conta dele toda vez que tinha de matar um cabrito, ou um bezerro, ou qualquer outra criatura inocente.

O pátio já estava bem escuro quando chegaram, e as folhas dos álamos farfalhavam suavemente.

– Escute as árvores falando enquanto dormem – a menina sussurrou, enquanto ele a carregava da charrete para o chão. – Que sonhos lindos elas devem ter!

Em seguida, segurando firmemente a bolsa de viagem que continha todos os seus “pertences materiais”, a menina o seguiu para dentro da casa.

